

Práxis educativa e gramática de resistência no Programa Viva a Palavra

Educational praxis and grammar of resistance in the Viva a Palavra Program

Claudiana Nogueira de Alencar  

claudiana.alencar@uece.br

Universidade Estadual do Ceará - UECE

Resumo

Este artigo toma como objeto de reflexão e pressuposto para a análise a *práxis* política e educativa do Coletivo Viva a Palavra e suas gramáticas de resistência. Nesse sentido, escrevo a partir de dez anos de minha experiência situada no Viva a Palavra, enquanto um programa de extensão, pesquisa e ensino transformador e enquanto coletivo político-cultural de resistência anticapitalista. A partir da perspectiva da pragmática cultural, modo de fazer pesquisa em Linguística Aplicada e em Educação Popular, comprometida com a transformação social e que ultrapassa os modos de pesquisa descritiva interpretativa, discuto, por meio da análise das palavras-sementes nas práticas de linguagem do Viva a Palavra, os caminhos para a construção de uma pesquisa inventiva e colaborativa, em um sentido mais forte do que aquele que se entende como pesquisa participante. Tais caminhos apontam para um fazer pesquisa, extensão e ensino comprometidos com a *práxis* da libertação em gramáticas de resistência das lutas anticapitalistas e com o enfrentamento da violência contra as juventudes negra e indígena das periferias das grandes cidades da América Latina. A análise da *práxis* do Viva a Palavra também me permitiu destacar as palavras-sementes “diálogo” e “amizade” em meio às lutas populares como inéditos viáveis, proposições das gramáticas de resistência que afloram modos de esperançar em formas de vida mais justas, igualitárias e fraternas.

Palavras-chave

Práxis Educativa. Gramática de Resistência. Palavras-Sementes. Pragmática Cultural.

Abstract


This article takes as its object of reflection and assumption for analysis the political and educational praxis of the Viva a Palavra Collective and its grammars of resistance. In this sense, I write from ten years of my experience in Viva a Palavra, as a transformative extension, research and teaching program and as a political and cultural collective of anti-capitalist resistance. From the perspective of cultural pragmatics, a way of doing research in Applied Linguistics and Popular Education that is committed to social transformation and that goes beyond descriptive and interpretive models of research, I discuss, through the analysis of the seed words in Viva a Palavra's language practices, the ways to build inventive and collaborative research, in a stronger sense than what is understood as participant research. These paths point to research, extension and teaching that are committed to the praxis of liberation in grammars of resistance in anti-capitalist struggles and to confronting violence against black and indigenous youth on the peripheries of the

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 05/09/2024

Aprovação do trabalho: 15/11/2024

Publicação do trabalho: 20/03/2025

 10.46230/lef.v16i4.15218

COMO CITAR

ALENCAR, Claudiana Nogueira de. Práxis educativa e gramática de resistência no Programa Viva a Palavra. *Revista Linguagem em Foco*, v.16, n.4, 2024. p. 34-54. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/15218>

Distribuído sob



Verificado com

Plagius
Detector de Plágio

big cities in “América Latina”. The analysis of Viva a Palavra’s praxis also allowed me to highlight the seed words “dialog” and “friendship” in the midst of popular struggles as viable innovations, propositions of the grammars of resistance that emerge as ways of hoping for fairer, more egalitarian and fraternal ways of life.

Keywords

Educational Praxis. Grammar of Resistance. Seed Words. Cultural Pragmatics.

Introdução¹

O sol forte parecia machucar o espelho das águas e enchia de calor os nossos rostos, fazendo os olhos piscarem diante da claridade. Eram dez horas da manhã de uma quinta-feira e dona Maria Augusta e eu caminhávamos ao redor da Lagoa de Itaperaoba, na Serrinha, bairro periférico de Fortaleza, contornando-a desde a Avenida Silas Munguba, em frente da Universidade Estadual do Ceará (UECE), até alcançar as suas margens expostas à comunidade Garibaldi. Seu Ademar, coordenador do Movimento Pró-Parque Lagoa de Itaperaoba, pediu que visitássemos a Lagoa para observarmos os impactos ambientais de uma obra desastrosa da Prefeitura. Enquanto caminhávamos, Dona Maria Augusta, professora antiga do bairro e militante do movimento, olhou no meu rosto suado e disse: “Professora, esse trabalho que você faz é uma libertação!”. Fiquei emocionada, sem responder nada. Em silêncio, as palavras ressoavam em mim, e eu as repetia lentamente, sem mexer os lábios, enquanto dona Maria Augusta continuava falando, falando, derramando outras palavras cheias de doçura que se misturavam com expressões de força. Ao pronunciá-las, fixava-as em seu campo semântico de luta: libertação, emancipação, transformação, revolução... As falas não se aquietavam em mim, enquanto eu buscava entender o significado daquelas lexias. Não estavam sendo gravadas, nem anotadas por meio de instrumento de registro, mas nunca mais as palavras de dona Maria Augusta saíram de mim. Guardei-as na memória e no coração.

Esse meu relato de campo, registrado em diário de pesquisa naquele ano de 2016, fez-me voltar para as ações de pesquisa, ensino e extensão como libertação, o trabalho a que dona Maria Augusta se referira e que me levava a promover uma articulação e diálogos profundos não apenas com o movimento Pró-Parque Lagoa de Itaperaoba, mas também com outros movimentos sociais, coletivos

1 Agradeço ao apoio financeiro da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap) (Edital 23/08 de Internacionalização) ao projeto “Linguagem e Práticas Sociais na perspectiva da Linguística Aplicada”.

artísticos e culturais e organizações da sociedade civil, situadas na periferia de Fortaleza, o que culminou na criação de um coletivo, o Viva a Palavra, registrado em abril de 2014 como programa de extensão e projeto de pesquisa vinculado à Universidade Estadual do Ceará, mas que, de modo orgânico, integrou e integra participantes de diversos movimentos e organizações das periferias de Fortaleza, para realizar práticas de linguagem (e, conseqüentemente, as práticas de pesquisa em linguagem) como resistência e libertação.

Nas seções seguintes, desenvolverei uma discussão acerca da resistência e da libertação, mas adianto que o programa se formou (e tem se formado) como uma frente de vários movimentos, coletivos, organização da sociedade civil e universidade, na luta contra o extermínio das juventudes negra, indígena e pobre das periferias da grande Fortaleza², juventudes que têm sido alvo da violência urbana e estrutural, decorrente das complexas formas de destruição promovidas pelo sistema capitalista. Nessa luta contra o genocídio juvenil do povo periférico, diversas ações artísticas, políticas e culturais têm sido realizadas. São ações que destacam a tomada da palavra como um direito dos filhos e filhas da classe trabalhadora: direito à fruição da leitura, ao prazer estético da poesia, ao acesso ao livro, à leitura e literatura, ao domínio dos recursos linguísticos como forma de conscientização crítica e transformação social. É preciso ver que essas práticas de linguagem focalizadas pelo Viva a Palavra estão diretamente vinculadas às condições históricas e materiais da existência. Essas atividades são práxis, aqui entendida como prática ou toda e qualquer ação transformadora da realidade (Barata-Moura, 1994; Sousa Junior, 2021).

Este artigo³ toma como objeto de reflexão e pressuposto para a análise a práxis do Viva a Palavra e suas gramáticas de resistência. Nesse sentido, desfilo uma tessitura na escrita a partir de dez anos de minha experiência situada no programa de extensão/pesquisa. A partir da perspectiva da pragmática cultural, modo de fazer pesquisa em Linguística Aplicada, comprometida com a transformação social e que ultrapassa os modos de pesquisa descritiva interpretativa,

2 Durante os fóruns de debates realizados pelo Programa Viva a Palavra em 2015, o ativista Pool Almeida (Cleylson dos Santos Almeida) se referia à origem do povo periférico: uma população indígena em contexto urbano e afro-diaspórica que, pelas conseqüências da colonização e do capitalismo, habita em situação de precarização enfrentando o desordenamento habitacional e a violência urbana. ALÊNCAR, Claudiana Nogueira de. Viva a Palavra: diário de campo. Fortaleza, 2015. Diário de Campo.

3 Uma versão preliminar deste texto foi apresentada em formato de palestra na Universidad de Salamanca (USAL), Espanha, durante o Seminário "Educação popular, universidade e gramáticas de resistência" em 08 de outubro de 2024.

voltei-me, por meio do Viva a Palavra, para uma pesquisa inventiva e colaborativa, em um sentido mais forte do que aquele que se entende como pesquisa participante.

O Viva a Palavra tem realizado inúmeras atividades, tais como saraus, contações de histórias, marchas, reuniões, atos cenopoéticos, cortejos, oficinas, debates, fóruns, cursos, formações, etc. Em nossas pesquisas do grupo PragmaCult⁴, ao longo dos anos, essas atividades têm sido consideradas como jogos de linguagem, e o grupo tem objetivado analisar tais jogos e suas gramáticas culturais (Alencar, 2014, 2015, 2021). Neste trabalho, quero enfatizar a dimensão política e educativa dessas atividades, uma vez que o Viva a Palavra tem um compromisso com a formação humana voltada para a construção de uma nova forma de vida social baseada em relações justas e fraternas. Em seus três eixos – Palavras de paz, Palavras de resistência e Palavras de esperança – o Coletivo tem, portanto, realizado uma prática que, além de sua característica linguística, é também política e educativa. A partir desses eixos, por meio dos diálogos universidade-comunidade, têm sido desenvolvidos os seguintes projetos: Sarau Viva a Palavra, Coletivo Cenopoético, Línguas na Comunidade, Grupo de Contação de histórias Me Conte, Biblioteca Livre, Biblioteca Popular Viva a Palavra, Cursinho Popular Viva a Palavra, Horta Popular Terra Viva, etc. Diversas pesquisas foram desenvolvidas sobre as práticas e jogos de linguagem vivenciadas nesses projetos, sendo geradas cinco teses de doutorado, nove dissertações e cinco trabalhos de conclusão de curso⁵, de forma que todos esses trabalhos analisam as práticas de linguagem.

Como já afirmei, pretendo analisar as práticas políticas e educativas do Viva a Palavra. É preciso dizer que é muito comum no meio acadêmico o pensamento de que há uma separação entre o que é linguístico e o não linguístico; entre o discursivo e o não discursivo (Harris, 1981). A linguagem seria um meio, uma mediação para se entender a vida social, um espelho entre a consciência e a realidade (Rorty, 1994). Desse modo, a análise das práticas de linguagem mostraria apenas um aspecto do conhecimento ou do domínio da ser humano sobre a

4 Sob a coordenação da professora Claudiana Nogueira de Alencar, o PragmaCult foi iniciado em 15 de março de 2011, com a denominação Núcleo Interdisciplinar de Estudos em Pragmática do Ceará. Depois foi registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, com a atual denominação “Grupo Pragmática Cultural, Linguagem e Interdisciplinaridade (PragmaCult)”. O grupo está vinculado à Universidade Estadual do Ceará (UECE).

5 Para a consulta desses trabalhos de conclusão de curso de graduação, dissertações de mestrado, teses de doutorado e artigos em periódicos sobre o Viva a Palavra, visite o blog do Programa: <https://programavivaapalavra.blogspot.com/p/dissertacoes-e-teses.html>.

natureza, uma vez que a linguagem seria uma representação da realidade.

Mas e se quebrarmos a visão do espelho? E se percebermos que somos natureza e que a linguagem como prática social não é um meio, uma vez que as relações materiais da existência são também constituídas por ela? As práticas de linguagem são práticas ou práxis? – para usar o termo grego, entendida como o ordinário, o comum, uma atividade cotidiana. Analisar como essas práticas podem ser formativas e transformadoras é o nosso intuito aqui. O meu olhar como educadora, pesquisadora, extensionista e gestora do Viva a Palavra será conduzido para os processos de autoeducação experienciados em pesquisa in(ter)ventiva em pragmática cultural, a partir da tecnologia “círculo de cultura”, de inspiração do educador do Sul global, Paulo Freire (1967,1968).

Nessa visada da pesquisa em pragmática cultural, faço diálogo entre a educação popular e perspectiva marxiana de educação, trazendo a questão de Karl Marx (2002, p. 51) sobre o fato de o educador, a educadora, também se educarem. Na tese número três sobre Feuerbach, Marx diz:

[...] a doutrina materialista sobre a mudança das contingências e da educação se esquece de que tais contingências são mudadas pelos homens e que o próprio educador deve ser educado [...] a coincidência da alteração das contingências com a atividade humana e a mudança de si próprio só pode ser captada e entendida racionalmente como práxis revolucionária. (Karl Marx, 2002, p. 51)

Desse modo, procurarei discutir como os diálogos estabelecidos com as pessoas participantes da comunidade nas atividades do Viva a Palavra provocaram mudanças em mim e em minha práxis como professora pesquisadora.

1 Pragmática cultural: por uma pesquisa não extrativista

Os trabalhos nas ciências humanas e sociais, que dizem respeito à pesquisa qualitativa, têm provocado um debate frequente sobre os cuidados que o(a) pesquisador(a) deve tomar com a sua entrada no campo de pesquisa (Geertz, 1989, 1997; Minayo et al., 1994; Velho; Castro, 1978). Essa entrada deve ser muito respeitosa, lenta e prudentemente alcançada por meio das interações contínuas e regulares com os sujeitos/informantes/participantes da pesquisa, sendo desejada uma escuta ativa sobre as necessidades da comunidade de participantes. As demandas comunitárias devem ser sempre respeitadas. Alguns trabalhos têm mostrado as desconfianças que os sujeitos apresentam com relação à pesquisa

e ao pesquisador/pesquisadora (Zenobi, 2010). A esse respeito, Diego Zenobi (202) explica:

Normalmente, as suspeitas e as acusações sobre nosso trabalho costumam estar relacionadas ao uso que poderíamos fazer do conhecimento construído a partir do trabalho de campo desenvolvido nessas comunidades. Desse modo, elas expressam a preocupação com a relação que este saber irá ter com as pessoas que o tornaram possível ao receberem o pesquisador e ao participarem de sua pesquisa. (Zenobi, 2020, p. 471)

Quando nos aproximamos dos movimentos sociais e coletivos culturais da Serrinha no ano de 2014, a fim de construirmos juntos um plano em comum para combater a violência contra a juventude pobre e negra da periferia – um problema apontado por essas organizações –, ouvimos um enunciado de rejeição por parte de um jovem do coletivo cultural Flor de Cactus: “Universidade? Não queremos universidade aqui. A galera da universidade quer fazer suas pesquisas, nos escuta, tira fotos, mas depois não volta nem para devolver o material que pegou da gente”.

Durante um encontro com os movimentos sociais na comunidade Garibal, um jovem do movimento Caravana da Periferia⁶ enunciou: “Esta universidade quer mudar o mundo, mas não consegue atravessar a rua!”. Esses enunciados impactantes tensionavam a posição dos/das pesquisadoras naquele momento, e, mais do que isso, colocavam em questão o próprio modo de fazer pesquisa na academia. Isso traz uma questão de ética profunda: até que ponto os nossos modos de fazer pesquisa não reproduzem os modos de exploração capitalista que tanto condenamos?

Na prática, muitas pesquisas fazem o que nossos amigos participantes denunciavam: se apropriam de suas falas, de suas práticas, saberes e metodologias apenas para construir o corpus de suas pesquisas, apenas para tecer suas análises, conquistar títulos, lattes e financiamento. Fala-se de pesquisa participante, cartográfica, pesquisa-ação, mas muitos não se movem em direção ao campo para uma atuação que vá além de seus cronogramas de coleta/geração de dados ou apresentações que dê visibilidade ao pesquisador/a. É a neoliberalização da academia, um processo que faz muitos avançarem em busca dos pro-

6 Uma frente de movimentos sociais construída em meados de 2009 para enfrentar o extermínio da juventude “motivada pelo aumento exponencial de homicídios de jovens em Fortaleza” (Maciel, 2022, p.142).

duto acadêmicos que lhes confirmam pontos no currículo e resultado metrificável para lhes garantir um alto nível de competitividade e ascensão acadêmica em pouco tempo, sem dar qualquer retorno às comunidades que dizem defender. Esse modelo de pesquisa extrativista mostra o quanto as relações de pesquisa são ainda verticais e de mão única.

Como nos alerta Paulo Freire (1982, p. 1): “é fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática”. Caminhar em direção a uma prática política educativa libertadora exige de nós que construamos também em nossas pesquisas um comprometimento ético para com as lutas emancipatórias, para além da divulgação científica e da difusão cultural. “Atravessar a rua” na fala do jovem ativista da periferia é um apelo para que construamos pesquisas e universidades socialmente relevantes, de fato comprometidas com a transformação social.

Como filha dos povos camponeses e indígenas do Vale do Jaguaribe, com meus pais e avós agricultores, que caminhavam 20 quilômetros para trabalhar em terras de latifundiários, comprometi-me desde a minha tenra juventude com os movimentos populares, com as pastorais de juventude, participando das comunidades eclesiais de base e das lutas emancipatórias do meu povo. Para mim, os enunciados dos militantes que questionavam as pesquisas acadêmicas faziam todo sentido. Respondi-lhes que estávamos comprometidos com a perenidade da extensão que, resultante das lutas discentes e docentes, deve ser dialógica e transformadora de realidades, e não com uma pesquisa com data para terminar; que não estávamos ali para coletar dados, por isso não iríamos embora quando findasse um cronograma. Tínhamos plena convicção de que a extensão produzia conhecimentos e que nossa pesquisa estaria articulada com a extensão comprometida com a transformação social. Seria a extensão acadêmica articulada à pesquisa, para que ela se tornasse cada vez mais participativa e colaborativa.

Aproximei-me das comunidades do entorno da UECE por meio de fóruns de escuta junto aos movimentos sociais da Serrinha promovidos pela Proex, quando eu respondia pela diretoria de mobilização e participação social e comunitária, e depois como pró-reitora de extensão. A ideia de construir um projeto colaborativo com as comunidades periféricas e com os movimentos sociais, para enfrentar a violência contra as juventudes – uma demanda da Caravana da Periferia –, veio como resultado dos círculos de cultura e suas sínteses criativas realizadas no ano de 2014. Dez anos se passaram e fomos crescendo em aprendizados junto aos movimentos.

Estava comprometida em realizar uma pesquisa colaborativa e, naquela época, a pesquisa cartográfica – apresentada pela amiga militante dos movimentos populares, professora de sociologia e pesquisadora de uma etnografia militante, Catarina Tereza de Oliveira –, parecia ser uma resposta coerente às demandas populares, afinal a cartografia acompanha processos e não produtos (Passos et al., 2015). Com um escopo amplo de atuação junto a diversos movimentos da periferia de Fortaleza, tais como o Movimento Círculos Populares, o Movimento de Saraus e Rolezinhos de Fortaleza, o Movimento biblioteca nazaria urgente, para citar alguns o nosso escopo de atuação, exigia uma metodologia manguezal, rizomática, como o é a cartografia.

Como toda cartografia parte da construção de um plano em comum entre participantes da pesquisa, ambos atuando como pesquisadores, da comunidade e da universidade, discutimos e decidimos coletivamente iniciar a nossa pesquisa prática (Demo, 1995), participando dos encontros de Sarau, realizados na Praça da Juventude, conhecida como Praça da Cruz Grande, na Serrinha, nas proximidades do Campus do Itaperi, o principal da UECE. Como toda cartografia solicita um reconhecimento atento para a aproximação do território, decidimos, a professora Catarina e eu, utilizar a técnica da observação participante, própria do método etnográfico, para a geração de dados, afinal “a cartografia pode se aproximar da etnografia ao servir-se da observação participante e, a partir dela, poder habitar um território existencial (Scherer; Grisci, 2022).

No entanto, em determinado momento quando etnografávamos o sarau, um dos artistas da comunidade veio nos indagar: “professora, você vai só ficar aí parada? Nada desse negócio de observação. Pegue o microfone e venha cá falar sobre o projeto Viva a Palavra!” Era o projeto que estávamos elaborando coletivamente, e o animador do sarau naquele momento me mostrava a necessidade de eu apresentar a ideia para todos aqueles jovens ali presentes na praça. Fiquei nervosa, mas fiz uma fala improvisada. Eu não entendia ainda que o que as juventudes do sarau chamavam de “microfone aberto” era também um dispositivo de luta (Silva, et al., 2024). Entre canções e poesia, o microfone aberto funcionava como uma tribuna popular.

A todo momento, a necessidade de intervenção, de inventividade, colocava-se no fluxo das ações. Estávamos interessados em construir a articulação entre pesquisa, extensão e ensino; e ampliávamos juntos – participantes da comunidade-participantes da universidade – o conceito de sala de aula, quando realizamos aulas em salas sem paredes, como praças, lagoas, florestas ou quando a

comunidade e seus participantes participavam de aulas, fóruns, mesas e debates na comunidade.

O projeto “Viva a Palavra: circuito de linguagem, paz e resistência da juventude negra na periferia de Fortaleza” nascia e se desenhava com a participação de vários movimentos sociais ambientalistas e coletivos artísticos e culturais, além da Associação de Moradores do Bairro da Serrinha-AMORBASE. Objetivos, metas, metodologia, teorias, tudo foi discutido coletivamente com essas organizações da sociedade civil em vários encontros. O projeto, resultante das reuniões de planejamento e fóruns de debates, foi registrado e aprovado na Pró-reitoria de Extensão da UECE como programa de extensão em 10 de abril de 2014 e, em alguns meses depois, na Pró-reitoria de Pesquisa. Mais tarde, os diversos projetos que compunham o Viva a Palavra foram sendo registrados como projetos de extensão, projetos de iniciação artística ou de iniciação científica.

Esses projetos se utilizavam das diversas metodologias: cartografia, etnografia, pesquisa-ação, etc., todos compartilhando dos pressupostos teóricos da educação popular freireana – o que destacava o caráter emancipatório e a importância da palavra-mundo, articulando vida e domínio dos recursos linguísticos como forma de libertação. Todos conferindo a centralidade das práticas políticas e educativas, vistas também em sua interface com a linguagem e com a cultura – constituindo as duas categorias por meio da pragmática cultural, consideradas como formas de vida que se mostram em práticas cotidianas (Alencar, 2022). Nesse meio tempo, alguns embates teóricos foram surgindo, com a rejeição por parte dos participantes da comunidade – alguns deles agora pesquisadores da iniciação científica ou do mestrado, de uma visão pós-estruturalista da cartografia em sua vertente deleuziana. Esses jovens militantes se aproximaram da cartografia social como metodologia participativa que intensifica a ideia do plano comum nas construções de mapas sociais de resistência pela própria comunidade⁷ (Maireles, 2014, 2017).

Devo ressaltar que muitas foram as vivências e formações do grupo de

7 Essa pesquisa parte do programa Viva a Palavra. Realizada por diversos pesquisadores da universidade e da comunidade, fez uma cartografia social da Serrinha coordenada pelo professor do curso de biologia da UECE, Nivaldo Caju e, depois, por Ozielton Souza, que realizou o seu doutoramento sobre o projeto Palavras de Resistência. Os resultados dessa pesquisa estão publicados na tese do professor Ozielton, que iniciou sua caminhada na Serrinha como militante dos Círculos Populares e um dos diretores da Amorbase. Concluiu o seu doutorado no PosLA e hoje é professor efetivo da UECE, no *campus* de Quixadá. Ozielton produziu a tese *Cartografia de letramentos de insurgência dos movimentos sociais da periferia: “atravessando a rua” com o Programa de Extensão Viva a Palavra*.

Pesquisa PragmaCult e do Programa Viva a Palavra em Educação Popular nesses últimos dez anos, com a participação e animação de diversos educadores populares, como Vera Dantas, Ray Lima, Maria das Dores Souza (Dorinha), Josy Dantas, Junio Santos, Reginaldo Figueredo e tantos artistas, ativistas e cenopoetas, com quem aprendemos diversas metodologias e tecnologias sociais, como os círculos de cultura, a feira do soma sempre, o corredor de cuidados, o ato cenopoético etc. Desse modo, um desenho metodológico de pesquisa participante colaborativa foi se delineando em pragmática cultural, a pesquisa in(ter)ventiva que utiliza o círculo de cultura (Freire, 1968), não apenas como atividade de ensino ou como tecnologia social, mas também como procedimento metodológico de pesquisa, tanto para a fase de geração de dados, como na fase de análise de dados (Alencar, 2015).

Para o procedimento metodológico, tenho proposto as leituras das palavras sementes para investigar, sistematizar/transformar as práticas culturais e as práticas político-educativas, constituídas por atividades sob a forma de jogos de linguagem. As etapas da pesquisa in(ter)ventiva seriam 1. o semear/colher palavras-sementes, aflorar de temas, questões e problematização, 2. florescer encaminhamentos e soluções, 3. frutificar sínteses criativas e 4. florear avaliação. Essas etapas seguem as etapas do círculo de cultura, desde a sua primeira fase – em que se enfatiza a pesquisa do universo vocabular, a partir das palavras mundo, que, segundo Paulo Freire, tem a força pragmática (1967) – até a produção das sínteses criativas.

Uma pergunta pode ser levantada: as palavras-sementes não são as mesmas palavras mundos? Por que então essa invenção e uso de outra terminologia nas etapas do círculo de cultura? Sim, de modo geral, posso dizer que as palavras-sementes e palavras-mundo são a mesma categoria. No entanto, enquanto as palavras-mundo remetem às relações de indexicalidade (Silverstein, 2003), estudadas pela antropologia linguística e que apontam para o modo como a forma linguística refere-se tanto às condições envolventes de sua própria produção quanto à ordem macrossocial (Silva; Alencar, 2013, p. 135), as palavras-sementes mostram o seu caráter propositivo. Elas não indiciam apenas a situação micro e macrossocial das pessoas participantes dos círculos de cultura, mas geram novos temas e novas formas de vida. A ênfase recai sobre o caráter de inventividade e emancipação dessas práticas de linguagem.

Interessante perceber em Paulo Freire um precursor das questões levantadas pela Pragmática Cultural. No mesmo período da publicação das obras de

Austin (1962) e de Wittgenstein (1953), obras responsáveis pela virada pragmática (Oliveira, 2006), os movimentos de educação popular, dos quais Paulo Freire foi um importante representante, estavam sendo gerados. O Projeto do Movimento de Cultura Popular (MCP) foi elaborado por Germano Coelho e Norma Porto Carneiro, amigos de Paulo Freire, ainda na década de 1950 (Coelho, 2012). Foi no MCP “[...]que nasceu o Método Paulo Freire e nele se pôs em prática intensivamente a pedagogia do oprimido.” (Coelho, 2002).

O método Paulo Freire baseia-se na ideia de que o aprendizado das práticas da linguagem se dá por meio de nossas próprias vivências cotidianas, de nossa própria cultura. Com a pragmática cultural, digo que não apenas os aprendizados das tecnologias da leitura e da escrita, mas a nossa própria existência na linguagem somente é possível nas práticas cotidianas, na nossa cultura ou forma de vida, afinal, como diz Wittgenstein, linguagem é uma forma de vida (1953, 1975).

Outro ponto importante é a ênfase que a pragmática cultural propõe na busca pelo diálogo e pela horizontalidade das relações entre pesquisadores participantes da universidade e participantes da comunidade⁸. Conforme Saviani, a prática que Paulo Freire buscou implementar visava a “[...] aproximar a intelectualidade da população, travando um diálogo em que a disposição do intelectual era a de aprender com o povo, despindo-se de todo o espírito assistencialista” (Saviani, 2008, p. 318). No caso do Viva a Palavra, o aprendizado e os diálogos são contínuos. As pessoas ativistas dos coletivos culturais e dos movimentos sociais da Serrinha também têm se destacado como intelectuais e nos ensinado muito, mesmo que ainda não tenham um título acadêmico de doutorado. Na próxima seção, tratarei da práxis político educativa do Viva a Palavra e dos meus diversos aprendizados em contatos com as ativistas e os ativistas da comunidade.

2 A práxis político educativa do Viva a Palavra

Em cinco de agosto de 2017, nós do Viva a Palavra participamos de uma

8 Aos poucos, essa dicotomia universidade versus comunidade foi se desfazendo, quando projetos como Cursinho Popular Viva a Palavra foram sendo demandados pelos militantes dos movimentos sociais da comunidade. Alguns desses participantes, inclusive, já adentraram os cursos de graduação e pós, outros concluíram o mestrado. Nesse caso, mesmo sendo mestrado em outras áreas ou em outras universidades, como a Universidade Federal do Ceará, esses/essas sujeitos/sujeitas sempre contavam e contam com o apoio das outras pessoas do Viva a Palavra para debater os seus temas, projetos e dissertações.

atividade no bairro da Serrinha, denominada *Sopão pela paz: contra o extermínio*⁹ *da juventude da periferia*. A atividade foi resultante de uma articulação que reuniu diversos movimentos sociais da Serrinha, de organização da sociedade civil e entidades religiosas, na luta contra o extermínio de jovens nas grandes cidades.

O Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência, uma parceria entre Governo do Estado do Ceará, Assembleia Legislativa, Unicef e entidades da sociedade civil, realizou uma grande pesquisa sobre as vítimas dos homicídios no Ceará e publicou os resultados no relatório *Trajetórias Interrompidas*, mostrando que há um verdadeiro extermínio de adolescentes com menos de 19 anos. Segundo o relatório, esses jovens vítimas de homicídio eram, em sua maioria, pretos e pardos, estavam fora da escola e viviam em bairros de periferia sem acesso às condições estruturais básicas, como moradia, educação, saúde, etc. O deputado Renato Roseno, relator do Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência, em reportagem para a BBC¹⁰, ressalta o caráter seletivo dessas mortes: “é um genocídio de jovens pobres, negros e do sexo masculino, num quadro de vulnerabilidade social em territórios mais pobres, junto com uma cultura de violência e a forte evasão escolar (Roseno, 2017).”

O relatório do Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência traz várias recomendações para enfrentar esse cenário tão cruel, dentre elas destaque: melhorar a qualidade de vida nesses bairros, com saúde, escola e oportunidades de emprego. A pesquisa e as recomendações apontam para uma realidade: a violência estrutural, gerando empobrecimento da população, desigualdades sociais, exclusão e toda sorte de precarização na moradia, na saúde, na educação. Assim, pode-se compreender que, baseado na exploração da classe trabalhadora, o “[...] desenvolvimento capitalista é, necessariamente e irredutivelmente, produção exponenciada de riqueza e produção reiterada da pobreza” (Netto, 2007, p. 142).

Apesar de ser uma atividade que poderia remeter ao assistencialismo, o *Sopão pela Paz na Periferia*, realizado na favela da Rampa, na Serrinha, foi uma

9 A situação do genocídio juvenil no Brasil é alarmante. Conforme a Unicef: “O número de homicídios de adolescentes do sexo masculino é maior no Brasil do que em países afetados por conflitos, como Síria e Iraque”.

10 **O Raio X de morte de jovens em Fortaleza.** Fernanda da Escóssia do Rio de Janeiro para a BBC Brasil, em 6 junho 2017. Disponível em: <https://cispreional.mpba.mp.br/noticias/o-raio-x-de-morte-de-jovens-em-fortaleza/> Acesso em: 3 dez. 2024.

oportunidade de manifestação de diversas entidades por meio da tribuna popular, estabelecida por meio do Microfone aberto, no Sarau, realizado durante o evento. Assim, os moradores presentes puderam discutir os problemas sociais, entendendo suas causas, enfatizando as lutas da classe trabalhadora no enfrentamento desses problemas. O militante Wandick Nogueira Maciel, mais conhecido como Tito¹¹, aponta esse momento de união dos movimentos da Serrinha como um divisor de águas. Ele diz

Após esse evento – que consideramos ter sido um importante divisor de águas no que diz respeito à emergência de um novo ciclo de lutas no bairro –, aqueles sujeitos coletivos tão diversos passaram então a construir atividades em conjunto, dando assim um novo ânimo à luta comunitária à nível de território Serrinha. (Maciel, 2022, p. 22-23)

A afirmação de Tito Maciel mostra o desejo por continuidade de uma das práticas de resistência dos movimentos sociais do bairro, principalmente retomando um dos objetivos da Caravana da Periferia: a luta contra a violência seletiva que extermina a juventude pobre e negra na periferia. Essa luta da Caravana também fora assumida pelo Viva a Palavra quando do seu início em 2014. Percebendo, antes mesmo da pesquisa promovida pela Unicef, que os territórios marcados pela morte de adolescentes, os quais foram muitas vezes cooptados pelo crime-negócio, os movimentos sociais entendiam que a vulnerabilidade das juventudes periféricas e as péssimas condições de vida nas favelas eram consequência direta do sistema capitalista, acumulador de riquezas para uma pequena minoria, por meio da exploração da classe trabalhadora, através do trabalho alienado e da produção de uma massa excedente de desempregados.

O capitalismo responsável pela colonização e exploração de nações sobre outras também promove a dominação e classificação social utilizando a ideia de raça. O cientista social peruano Aníbal Quijano (2005), influenciado pelas teorias economistas da dependência da América Latina, vem mostrar como a exclusão social foi construída a partir estruturas de poder colonial capitalista que, em defesa de uma modernidade e de um processo civilizatório promovido por ela, passa a expurgar da categoria humanidade os povos originários e as populações

11 Wandick Nogueira Maciel, doravante Tito Maciel, é um dos fundadores do movimento MTST (Movimento dos trabalhadores sem teto) e dos Círculos Populares em Fortaleza, tendo sido também membro e articulador da Caravana da Periferia, do Movimento Articulando a Cultura e a Arte (ARTICULARTE) e diretor da Associação de Moradores do Bairro da Serrinha (AMORBASE).

afro-diaspóricas. É assim que entendemos que, na composição da classe trabalhadora explorada, os discursos de inferiorização por raça e por gênero passam a operar.

Para enfrentar essa realidade, a partir do diálogo universidade-comunidade, uma série de ações passaram a ser realizadas para a prevenção dos homicídios contra crianças e adolescentes: o fortalecimento de programas e projetos na associação de moradores tais como a construção do projeto Cursinho Popular Viva a Palavra (de gestão coletiva da universidade e dos movimentos sociais), coletivo de Contação de Histórias Me conte, que funciona na associação de moradores, oficinas de teatro, música, desenho, poesia, fotografia para crianças e jovens, mediação de leituras e aulas de reforço, que acontecem nas bibliotecas comunitárias de iniciativa popular. Para a qualificação dos espaços na periferia, o movimento *Círculos Populares* promoveu a implantação da cozinha comunitária, na associação de moradores e na comuna de mulheres, e o Viva a Palavra implantou uma biblioteca comunitária, de acordo com a iniciativa das mulheres da comunidade. Viva a Palavra e movimentos sociais da Serrinha formaram uma frente de luta socioambiental pela revitalização da Lagoa da Itaperaoba, com a implantação de espaços de lazer para as juventudes. Essa frente iniciou também o trabalho em uma horta comunitária: a Horta Popular Terra Viva.

Ações políticas diretas, como marchas, protestos e manifestações também foram realizadas. Além dessas ações, os movimentos sociais e o Viva a Palavra passaram a se preocupar com as formações de base. Os círculos promoveram estudos de formação política e o Viva a Palavra trouxe para as formações do cursinho, com o apoio dos movimentos sociais, toda uma discussão sobre a prevenção da violência contra os jovens e a crise destrutiva do capitalismo atual. O Viva a Palavra também fortaleceu debates e promoveu ações e eventos como saraus, batalhas de rimas, juntamente com o Movimento Hip Hop Organizado (MH2O), trazendo reflexões sobre o racismo, a exclusão, as desigualdades sociais etc. Nesses encontros, destacavam-se as práticas artísticas potentes da juventude periférica.

Retomando o meu propósito de estudar as práticas políticas e educativas do Viva a Palavra, a partir da minha própria vivência nessas práticas, volto à questão de Marx, citada na introdução, sobre quem educa o/a educador/a. Olho para todas essas atividades relatadas nos parágrafos anteriores e vejo como elas foram transformadoras da minha vida e de minhas práticas como pesquisadora, educadora e ativista. Novamente cito para a ênfase necessária: “[...] a alteração das con-

tingências com a atividade humana e a mudança de si próprio só pode ser captada e entendida racionalmente como *práxis* revolucionária” (Marx, 2002, p.51). Mas só pude perceber essas práticas como *práxis* ou prática potencialmente revolucionária a partir dos diálogos e aprendizados com os movimentos sociais. E, nesse diálogo, os/as intelectuais da comunidade tiveram um papel crucial.

Os aprendizados se deram também na conquista da confiança mútua, no apoio mútuo em situações do cotidiano, que foi transformando as relações de camaradagem nesses dez anos de ativismo, em amizade, o que nos permite reconhecer a importância da dimensão da fraternidade nas práticas político-educativas. Poderia mencionar muitos ativistas, militantes que me oportunizaram profundas lições e que me dispensaram solidariedade, amorosidade¹², amizade. Mas vou exemplificar explicitando a relação de amizade com a liderança comunitária com quem aprendi e aprendo sobre o tema que delimitamos investigar nesse artigo, a *práxis* político-educativa. Quero falar um pouco sobre o amigo¹³ Tito Maciel e sobre os meus aprendizados a partir de nossa amizade e companheirismo nas lutas por transformação social.

Tito Maciel foi um dos primeiros militantes que conheci nas práticas realizadas pelo Viva a Palavra. Primeiro telefonei para ele para conversar sobre a Caravana da Periferia (outros militantes haviam me dado o contato de Tito). Depois o conheci presencialmente, durante os fóruns de escuta realizados em 2014. Ele é um dos principais agentes de transformação da Serrinha, pioneiro em vários movimentos de arte, cultura e política no bairro.

Participamos de várias ações juntos nos anos seguintes. Lembro-me de ter ido à sua casa em 2017, quando organizávamos o evento pela Paz na Periferia. Voltei de lá com o livro nas mãos que o Tito me emprestara. Era a obra *Espaços de Esperança* (2015), do geógrafo marxista David Harvey. Aliás, fomos todos jun-

12 O termo advém de Paulo Freire, como um dos elementos da educação popular. A professora e pesquisadora Gilian Brito, em sua tese de doutorado *Linguagem, jogos de amorosidade e sistematização de experiência de participantes do Cursinho Popular Viva a Palavra*, sob minha orientação, cartografa práticas de perspectivas participativa, solidária e afetiva na linguagem. A autora desenvolve o conceito *jogos de amorosidade* como “performances coletivas de resistência aos moldes capitalistas de produção do conhecimento”, termo que busca em autores como Freire, Wittgenstein e Hooks, e na *práxis* dos participantes do referido cursinho, organizado por cursistas, estudantes da graduação em prática docente, voluntários, pesquisadores e ativistas da comunidade.

13 Mario Goldman (2006), um dos produtores da antropologia simétrica, analisando suas experiências etnográficas, questiona o uso do termo “informantes” pela antropologia e o substitui por “amigos”. Em determinado trecho da nota ele diz: “eles também são meus amigos e eu me sentia constrangido em agir como “pesquisador”.

tos, participantes do Viva a Palavra e de diversos movimentos sociais da Serrinha, para o cine teatro São Luiz, assistir a uma palestra do David Harvey intitulada “A cidade do capital e as loucuras da razão econômica”, quando o geógrafo esteve em Fortaleza, em 21 de agosto de 2018.

Àquela época, estivemos também juntos em uma mesa de debates sobre as juventudes e o enfrentamento da violência na UECE. Lembro que Tito Maciel fez uma fala emocionante, ao apresentar uma análise crítica de conjuntura que considerava os movimentos sociais da periferia como espaços de esperança. De fato, Tito estava interessado, naquele período, em estudar o desenvolvimento da consciência de classe nos espaços de esperança.

No primeiro semestre de 2019, ministrei uma disciplina de Educação Popular e Letramentos de reexistência. Tito Maciel e Pool Almeida (como é conhecido Cleylson Almeida, outro militante histórico da Serrinha) compareceram para assistir àquelas minhas primeiras aulas. Ao final da aula, Tito me presenteou com um livro seu de poesia. Eu, sabendo que ele estava terminando o curso de pedagogia e do seu grande interesse pela pedagogia marxista, fui até o meu carro e lhe dei um livro do Justino de Sousa Junior, dizendo-lhe que aquela obra trazia tudo o que ele queria, pois apresentava de maneira clara e profunda um programa marxiano de educação. Em 2022, quando Tito Maciel defendeu o seu mestrado, registrou em sua dissertação:

O início de 2019 foi um ponto de inflexão em nossos estudos sobre os movimentos sociais. Nesse período, ganhamos de uma amiga o livro *Marx e a crítica da educação: da expansão liberal-democrática à crise regressivo-destrutiva do capital*, de autoria do educador Justino de Sousa Júnior (2010). [...] Iniciava-se assim um novo percurso em nossas pesquisas que logo faria-nos transitar da noção espaço à noção práxis, especialmente à práxis político-educativa. (Maciel, 2022, p. 23)

Em 2021, já no mestrado em educação da Universidade Federal do Ceará, Tito telefona para me apresentar a sua mais nova aquisição: o livro *Práxis, ontologia e formação humana*, do Prof. Dr. Justino de Sousa Júnior, lançado em 2021. Nesta obra, fruto das pesquisas de Pós-doutoramento de Justino, o autor apresenta a *práxis* como princípio pedagógico fundamental em Marx. Como essa leitura, várias vezes Tito me recomendava obras importantes, como as de autores da teoria da dependência (ou apenas me ligava para criticar esse ou aquele autor, essa ou aquela prática, sempre com posicionamentos muito críticos e coerentes). Lembro que fomos em uma confraternização em sua casa e cada amigo ganhou

um livro sobre a *práxis*, essa categoria que se tornou tão predominante no trabalho do nosso amigo militante e fundamental para que ele refletisse sobre a dimensão educativa de sua própria prática.

Tito realmente tem trabalhado para mostrar a importância da dimensão política e educativa das práticas. Ele dialoga e milita sobretudo para nos mostrar como a nossa prática potencialmente revolucionária pode se efetivar em prática de fato, de revolução, ou de libertação, como diria dona Maria Augusta. Aqui emancipação e libertação são postas como sinônimos. Este último termo trazido pelos filósofos da libertação, sendo uma referência para nós Enrique Dussel (2004), pensador latino-americano importante para os estudos emancipatórios em nossa terra afropindorâmica. O filósofo nos mostrou como a solidariedade e a fraternidade podem ultrapassar as fronteiras, em um movimento de união transnacional da classe trabalhadora e das pessoas oprimidas. A solidariedade, a fraternidade e as práticas de cuidado se apresentam para a filosofia da libertação como práticas anticapitalistas, libertadoras da América Latina, usando o termo Lelia Gonzales (2023). Dona Maria Augusta, que iniciou no magistério ainda na década de 60, e é ainda uma importante liderança comunitária na Serrinha, aponta para a utopia, a busca pela emancipação e libertação das opressões provocadas pelo sistema capitalista, em sua feição mais cruel, presente no neoliberalismo atual.

Se pelo trabalho, fundante do ser social, o sistema capitalista provoca(-va), utilizando-se da alienação do trabalho, a coisificação e desumanização do trabalhador, o neoliberalismo político e econômico operacionaliza ideologias para coisificar e desumanizar as coletividades e socialidades em luta por direitos, transformando-as em produtos de mercado. Por questões de espaço e delimitação, não poderemos nos aprofundar aqui, mas o chamado tecnocapitalismo, por meio das *big techs*, segue essa operação, denunciada por Quijano de colonialidade das relações materiais, colonizando as subjetividades por meio da plataforma da vida (Gomes, 2022; Alencar; Gomes, 2024). Contrário a essas formas de vida que individualizam, segregam e separam as coletividades na solidão do cotidiano, o coletivo Viva a Palavra promove práticas que valorizam o sentido de comunidade pelo diálogo entre universidade, movimentos sociais e coletivos artísticos e culturais.

3 Gramática de resistência: reflexões sobre a práxis nos estudos da linguagem

Desde o meu pós-doutoramento em 2009, tenho procurado desenvolver estudos sobre gramática cultural, a partir do trabalho da antropóloga indiana

Veena Das. Em 2010, comecei a apresentar algumas contribuições para essa categoria, ao empregá-la para pensar as práticas de resistência dos movimentos sociais, a partir do meu trabalho com o movimento camponês e, posteriormente, com movimentos juvenis periféricos.

Antes disso, em minha tese de doutorado, defendida em 2005, fui questionada durante a sessão de defesa, pela professora Joana Plaza Pinto, sobre o uso que fazia do termo *práxis*, como sinônimo de prática. Continuei usando as duas lexias como sinônimas, mas agora me baseio no trabalho de Barata-Moura (1994) e Sousa Júnior (2021) que, em perspectiva marxista, concedem à *práxis* a centralidade de uma categoria filosófica principal em Marx. No entanto, para esses autores, a *práxis* não seria uma articulação entre teoria e prática, como comumente se defende no meio acadêmico e nos movimentos políticos, e sim qualquer atividade cotidiana comum. *Práxis* seria apenas a palavra grega para prática, que significaria toda e qualquer atividade humana, da mais corriqueira a mais especializada, sendo que as atividades humanas são vistas como transformadoras.

Para a nossa área de investigação no campo dos estudos da linguagem, a Pragmática é considerada como uma perspectiva que entende a linguagem como prática. Por essa perspectiva, a significação nunca é anterior ao uso, mas se dá na própria prática cotidiana. Para o filósofo Wittgenstein, na segunda fase do seu pensamento, a linguagem é uma forma de vida (1953). O filósofo define uma série de atividades, que chama de jogos de linguagem, como constituintes dessa forma de vida. Na obra *Da certeza*, Wittgenstein (1969) trata desse sistema de usos, ações e práticas de linguagem como sendo uma gramática. As formas de vida geram visões de mundo, gerando, por sua vez, sistemas. Neles, temos proposições gramaticais (necessárias de acordo com a lógica de uma determinada visão de mundo) e proposições empíricas. Em minhas pesquisas, tenho defendido que as palavras-sementes são modo de acessar essas gramáticas. As palavras-sementes não apenas indiciam as gramáticas com suas proposições (gramaticais e empíricas), mas elas perturbam “as certezas” das proposições gramaticais, possibilitando a crítica, o questionamento por meio de novos jogos de linguagem até se alcançar novas visões de mundo, novas formas de vida.

Desse modo, entendemos que as práticas ou *práxis* podem estar ligadas a uma forma de vida capitalista ou às formas de vida que resistem ao sistema capitalista-colonial-racista-patriarcal. É nesse sentido que as *práxis* ou práticas são formativas. Como dizia Paulo Freire, essas práticas podem significar uma pedagogia do opressor ou uma pedagogia do oprimido. As práticas dos movimentos

sociais, movimentos emancipatórios, como as práticas do Viva a Palavra analisadas neste artigo, são constitutivas de uma gramática de resistência.

As palavras-sementes que surgem das práticas descritas nas seções anteriores, em que destaco aqui ligeiramente, as palavras *diálogo* e *amizade*, fazem parte de uma forma de vida baseada na solidariedade e na fraternidade. Sigamos aprendendo com elas, como nos ensina o meu amigo Tito Maciel (2022, p.165): “além da instrumentalização teórica (certamente importante e imprescindível), outros aprendizados são igualmente necessários para o processo de formação política dos trabalhadores/trabalhadoras. A fraternidade, por exemplo, é um desses aprendizados”. Combatamos o bom combate e semeemos as boas sementes, para construirmos formas de vida efetivamente revolucionárias.

Referências

ALENCAR, C. N de. **Pragmática cultural**: uma proposta de pesquisa- intervenção nos estudos críticos da linguagem. In: RODRIGUES, M. G. et al. (Org.). **Discurso**: sentidos e ação. Franca: Unifran, 2015. v. 10. p. 141-162.

ALENCAR, C. N de. **Projeto de extensão**: Programa Viva a Palavra circuitos de linguagem, paz e resistência da juventude negra na periferia de Fortaleza. Fortaleza: Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual do Ceará, 2014.

ALENCAR, C. N. de. O amor de todo mundo, palavras-sementes para mudar o mundo: gramáticas de resistência e práticas terapêuticas de uso social da linguagem por coletivos culturais da periferia em tempos de crise sanitária. **DELTA**: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, [S. l.], v. 37, n. 4, 2022.

ALENCAR, C. N. de; GOMES, E. P. M. Literatura com o corpo todo: a tecnopolítica do afeto nas coletivas de poetas periféricas. **Iluminuras**, [S. l.], v. 25, n. 69, p. 307-325, 2024.

AUSTIN, J. **Quando Dizer é Fazer Palavras e Ação**. Traduzido por Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BARATA-MOURA, J. **Prática**: para uma aclaração do seu sentido como categoria filosófica. Lisboa: Colibri, 1994.

BRITO, G. G. M. **Linguagem, jogos de amorosidade e sistematização de experiência de participantes do Cursinho Popular Viva a Palavra**. 2023. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Estadual do Ceará, Fortaleza, 2023.

COELHO, G. Paulo Freire e o Movimento MCP. In: ROSAS, P. **Paulo Freire**: educação e transformação social. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2002.

COELHO, Germano. MCP. **História do Movimento de Cultura Popular**. Recife: Ed. do autor, 2012.

DEMO, P. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1995.

DUSSEL, E. **Sistema-mundo y Transmodernidad**. En: BANERJEE-DUBE, Ishita y MIGNOLO, Walter (org.) *Modernidades coloniales: otros pasados, historias presentes*. Ciudad de México: El

Colegio de México, Centro de Estudios de Asia y África, p. 201-226. DUSSEL, E. (2014). 16 tesis de economía política: Interpretación filosófica. Ciudad de México: Siglo XXI

FREIRE, P. **As virtudes do Educador**. São Paulo: Vereda Centro de Estudos em Educação; TV PUC, 1982.

FREIRE, P. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1968.

GEERTZ, C. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1989.

GOLDMAN, M. Como funciona a democracia: uma teoria etnográfica da política, Rio de Janeiro, Editora 7 Letras, 2006.

GOMES, E. P. M. Decolonialidade epistemológica em tempos de monotecnologização da vida: uma tarefa ao pensar. **Revista Linguagem em Foco**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 163-180, 2022.

GONZALEZ, L. **América Ladina**. Rio de Janeiro: Biblioteca Básica Latinoamericana 2023.

HARRIS, R. **The Language Myth**, London: Duckworth, 1981.

HARVEY, D. **Espaços de esperança**. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

MACIEL, W. N. **Práxis político-educativa do sujeito social potencialmente revolucionário**: a experiência da Associação de Moradores do Bairro da Serrinha. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

MARX, K. **Teses sobre Feuerbach**. Tradução de L. C. Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MEIRELES, A. J. A.; GORAYEB, A. Elementos para uma cartografia social dos territórios em disputa. In: CARVALHO, A. M. P. de; HOLANDA, F. U. X. de. (Orgs.). **Brasil e América Latina**: percursos e dilemas de uma integração. Fortaleza: Edições UFC, 2014. v. 1. p. 405-432.

MIGNOLO, W. **Modernidades coloniales**: otros pasados, historias presentes. Ciudad de México: El Colegio de México, Centro de Estudios de Asia y África, 2004.

MINAYO, M. C.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 1994.

NETTO, J. P. Desigualdade, Pobreza e Serviço Social. **Revista em Pauta**, Rio de Janeiro, v. 19, 2007.

OLIVEIRA, M. A. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulinas, 2015.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, A. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

RORTY, R. **A Filosofia e o Espelho da Natureza**. Tradução de Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

- SAVIANI, D. **História das Idéias Pedagógicas**. Campinas: Autores Associados, 2008.
- SCHERER, L. A.; GRISCI, C. L. I. Cartografia como Método de Pesquisa para Estudos de Trabalho e Subjetividade. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 26, n. 1, 2022.
- SILVA, D. N.; ALENCAR, C. N. de. A propósito da violência na linguagem. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 55, n. 2, p. 129–146, 2013. DOI: 10.20396/cel.v55i2.8637294. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637294>. Acesso em: 12 nov. 2024.
- SILVA, Francisco Rômulo do Nascimento; FREITAS, Geovani Jacó de; ALENCAR, Claudiana Nogueira de; GADELHA, Kaciano Barbosa. Microfone Aberto. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 62, n. 2, p. 337–350, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8671386>. Acesso em: 15 nov. 2024.
- SILVERSTEIN, M. Language Structure and Linguistic Ideology. In: CLYNE, P., W. Hanks & Indexical. Order and the Dialectics of the Sociolinguistic Life. **Language & Communication**, [S. l.], v. 23, p. 193-229, 2003.
- SOUSA, A. O. de B. **Cartografia de letramentos de insurgência dos movimentos sociais da periferia: “atravessando a rua” com o Programa de Extensão Viva a Palavra**. 2021. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021.
- SOUSA JUNIOR, J. de. **Marx e a crítica da educação**: da expansão liberal democrática a crise regressivo-destrutiva do capital. Aparecida: Ideias e Letras, 2010.
- SOUSA JÚNIOR, J. de. **Práxis, ontologia e formação humana**. Lisboa: Editora Lisbon Press, 2021.
- VELHO, G; CASTRO, E. V. de. O conceito de cultura e o estudo das sociedades complexas: uma perspectiva antropológica. **Artefato: Jornal de Cultura**, [S. l.], v. 1, p. 4-9, 1978.
- WITTGENSTEIN, L. **Da Certeza**. Tradução de Maria Elisa Costa. Lisboa: Edições 70, 2000.
- WITTGENSTEIN, L. **On Certainty**. Oxford: Blackwell, 1969.
- WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. Traduzido por José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- WITTGENSTEIN, L. **The philosophical investigations**. Edited by G. E. M. Anscombe e Rush Rhees. Oxford: Blackwell, 1953.
- ZENOBI, D. O antropólogo como “espião”: das acusações públicas à construção das perspectivas nativas. **Mana**, v. 16, p. 471-499, 2010.

Sobre a autora

Claudiana Nogueira de Alencar - Professora do Curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará (UECE), do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (POSLA-UECE), do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino (PPGEEN-UECE) e coordenadora do Programa de Extensão e Pesquisa Viva a Palavra. E-mail: claudiana.alencar@uece.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5612560998826098>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-2759-2750>.